Fui muito mais feliz do que poderia ter imaginado

Marlies Kücking (Colônia, 1936) considera-se romana. Morou mais de 50 anos na capital italiana. Ali, tal como recorda nas suas memórias “Horizontes insospechados” (Rialp, 2019), trabalhou ao lado de São Josemaria, de Dom Álvaro del Portillo e de Dom Javier Echevarría. Desde 1964 até 2017, trabalhou no governo central do Opus Dei.

06/05/2019

Descarregue em PDF: «Horizontes insospechados, capítulo 1: Vida familiar em Colônia»

No seu livro, apresentado recentemente em Barcelona, Marlies Kücking traça, em primeiro lugar, uma trajetória por sua história familiar, o seu encontro com o Opus Dei em 1954, a descoberta da vocação, a colaboração com os primeiros passos da Obra na Alemanha e na Holanda e a etapa de formação em Roma durante a época universitária.

A segunda parte de *Horizontes insuspeitados. As minhas recordações de São Josemaria Escrivá* concentra-

se em seu trabalho na Assessoria Central do Opus Dei, órgão que, junto com o Conselho Geral, ajuda o Prelado no governo da instituição. Isto lhe permitiu conhecer, em primeira mão, muitas pessoas e iniciativas da Prelazia em países dos cinco continentes. Desde 1964, ano em que a autora começou o seu trabalho na Assessoria Central, o Opus Dei iniciou uma presença estável em 39 países, da Nigéria a Singapura, da Bolívia ao Cazaquistão, da Coreia ao Líbano, da Romênia ao Panamá, da Rússia à África do Sul.

Quando fala de si mesma, Marlies usa uma distância irônica, com um fino sentido de humor; mas, em tudo o que se refere a São Josemaria e à Obra, o tom é sério, emocionado, entusiasmado e grato.

Apaixonada pelo teatro, pela arqueologia e pela leitura – costuma ler mais de um livro ao mesmo

tempo, prefere o romance histórico e os clássicos como Homero ou Dickens, embora reconheça que Harry Potter a encantou –, trabalha atualmente no arquivo geral da Prelazia, onde se digitalizam, classificam e estudam os documentos relacionados com o Fundador, os sucessivos prelados e a história do Opus Dei em todo o mundo.

Colaborou durante 53 anos (1964-2017) no governo do Opus Dei. No seu livro explica as tarefas que realizou na Assessoria Central, em Roma, e as viagens a diversos. Em muitos desses países o percurso do Opus Dei já tem décadas. Como consegue que a experiência não se converta em rotina? Como manter a capacidade de inovar e enfrentar novas situações?

É, sem dúvida, um desafio e o perigo existe; quando já há experiência, é

mais confortável continuar na mesma linha (“sempre se fez assim!”, ou “nunca fizemos isto!”). É necessário compaginar um estudo profundo e sereno dos assuntos e, ao mesmo tempo, estar perto das pessoas e dos trabalhos, através de viagens. Ver as realidades *in situ,* ouvindo as pessoas. É necessária uma grande abertura de espírito. Gostaria de sugerir que se sigam as diretrizes do atual Prelado: procurar a centralidade de Jesus Cristo. Cristo é sempre atual e não envelhece. Seguindo-O, é mais fácil saber detectar em que aspetos interessa uma mudança, não só em questões técnicas, mas também no modo de abordar o trabalho apostólico, sendo sempre fiéis ao espírito de São Josemaria.

A partir da experiência de uma mulher leiga que colaborou no governo de uma instituição da Igreja que é de natureza

hierárquica, como pensa que pode ser o papel da mulher na Igreja, de modo que esteja mais presente na tomada de decisões?

O Papa Francisco, no documento programático do seu pontificado (*Evangelii Gaudium*) e em outras intervenções, tem insistido na necessidade de uma presença mais enérgica da mulher na Igreja e, particularmente, nos lugares onde se tomam as decisões.

No estilo de governo previsto por São Josemaria, isto não é novidade. Ele era muito consciente da contribuição insubstituível da mulher para o governo porque pelas suas qualidades inatas (o seu "gênio feminino") é particularmente sensível às pessoas e é capaz de ver os assuntos e problemas de uma perspectiva que talvez os homens não vejam e que é, ao mesmo tempo, complementar. Isto é fundamental

na missão da Igreja e da Obra, cujos destinatários são precisamente as pessoas. São Josemaria via o governo como serviço às pessoas. E também era muito consciente do grande contributo profissional com que os leigos, e particularmente a mulher leiga, podiam e deviam concorrer para o governo.

Isto não mudou substancialmente ao ser erigido o Opus Dei como Prelazia pessoal, pois o direito da Igreja estabelece que os leigos, em virtude do batismo, podem cooperar no exercício da potestade do governo na Igreja, sobretudo em âmbitos em que devido à sua aptidão profissional podem dar uma grande contribuição (questões econômicas, jurídicas...). Isto se vive no Opus Dei conforme estabelecido no seu direito particular. O Prelado governa com dois conselhos, um de homens e outro de mulheres, em sua maioria leigos.

Além disso, o atual Prelado - Mons. Fernando Ocáriz - conta muito com a opinião feminina, determinante na hora de tomar decisões concretas, não só as que afetam o trabalho das mulheres, mas também quanto a questões que afetam igualmente homens e mulheres.

Do seu livro resulta muito clara a convicção de São Josemaria de que o universal e o particular (a biografia de uma pessoa, a história de um país, uma cultura concreta) são perfeitamente compatíveis. Que aconselharia para estes tempos em que as diferenças são vistas como causa de divisão?

É certo que, ligado à globalização, há o perigo de uma mentalidade excessivamente local. Aconselharia uma grande amplitude de visão e, aos europeus, abandonar o excessivo complexo de superioridade da nossa cultura, que por vezes pode correr o

risco de olhar por cima do ombro para outras realidades. É verdade que o cristianismo impregnou a história da Europa, mas temos muito que aprender da cultura milenária do Oriente, dos valores da África, da América, etc.

Pode-se, e deve-se, amar o próprio país e, ao mesmo tempo, ter uma grande abertura para o resto do mundo. As viagens que mais me marcaram talvez tenham sido as da África e Oriente, precisamente porque pude comprovar na prática que a Obra era universal: uma mulher de uma tribo do Quênia e uma convertida do budismo vivem o espírito do Opus Dei tal como uma espanhola.

O governo no Opus Dei tem duas características, como se vê no livro: a subsidiariedade (que cada nível de governo cumpra o que lhe compete e não interfira no que não

lhe pertence) e a colegialidade (as decisões nunca são individuais, mas estudadas e apreciadas por várias pessoas). Pode dar exemplos de como é mais enriquecedor e, em longo prazo, mais fecundo do que um modo de governar aparentemente mais eficaz e controlador?

Cada um de nós tem o seu ponto de vista e, com a melhor boa vontade, podemos nos paralisar numa opinião, pensar que a nossa é a mais certa. Ajuda muito conhecer outros pareceres. Se habitualmente prevalecer a opinião de uma só pessoa, isso, em longo prazo, acaba em tirania. São Josemaria também aconselhava, como medida de prudência, que a pessoa que está à frente numa equipe seja a última a dar a sua opinião, para não influenciar as outras que devem intervir.

Por outro lado, ao trabalhar no governo do Opus Dei com pessoas de diferentes culturas e mentalidades, temos de ter em conta que, juntamente com as diferenças evidentes, todas têm a mesma vocação e procuram viver o mesmo espírito. Além disso, tudo isto supõe uma riqueza enorme, não só pelo interesse humano, cultural, mas porque o conhecimento direto dos diversos países oferece um grande contributo ao trabalho de governo.

Como se complementa, nos temas de governo comuns, a visão dos homens e das mulheres? Podia dar-nos exemplos?

Tanto os homens como as mulheres têm os seus trabalhos de formação e apostolado específicos, separados uns dos outros; por outro lado, há temas que interessa estudar em conjunto. Isto se faz principalmente quanto a planos estratégicos, como o

início do trabalho estável em novos países, ou numa nova cidade em países onde a Prelazia já está estabelecida, etc.

Podia citar-se o exemplo da família – o Opus Dei é família - que costuma compor-se de homens e mulheres.

O Opus Dei já fez 90 anos. É pouco e, ao mesmo tempo, é muito. Como manter-se fiel ao espírito fundacional e, simultaneamente discernir as mudanças que cada época exige?

Com uma grande abertura de espírito, sem se agarrar a pontos de vista obsoletos e, ao mesmo tempo, fugindo de um afã renovador desprovido de ponderação e perspectiva.

Neste sentido, uma medida de bom governo que vi São Josemaria viver, passando também por Dom Álvaro, D. Javier e o atual Prelado, é que se

procure que haja, nos governos regionais e na Assessoria Central, junto com pessoas com mais experiência, outras mais jovens que possam trazer os seus pontos de vista mais próximos da realidade atual. A título de exemplo, a Diretora mais nova da Assessoria Central é uma norte-americana, que acaba de fazer 31 anos.

Diria ainda que é imprescindível ter um conhecimento profundo do espírito fundacional, dos escritos de São Josemaria e dos seus sucessores.

Podia concluir citando que o nosso Fundador dizia sempre que os membros do Opus Dei não necessitavam do *aggiornamento* uma vez que estavam mergulhados nas realidades do mundo.

Se tivesse agora 18 anos, o que a atrairia no Opus Dei?

O mesmo que há 64 anos. Seguir o Senhor em e através das realidades do mundo e procurar atrair outras almas a Jesus Cristo.

Não podia imaginar a minha vida tal como tem sido: tenho sido muito mais feliz do que podia ter imaginado; penso que Deus me mimou como a uma filha predileta.

Qual diria que é o maior contributo do Opus Dei à Igreja?

O fato de que cada membro do Opus Dei, cada pessoa que participa nos seus trabalhos, se empenhe em ser coerente com a sua fé, esteja unida à pessoa do Romano Pontífice e difunda à sua volta a alegria cristã, como os primeiros cristãos souberam fazê-lo no seu tempo.

pdf | Documento gerado automaticamente de https://opusdei.org/pt-br/article/fui-muito-mais-feliz-do-que-poderia-ter-imaginado/ (09/12/2025)